

SISTEMAS SOCIAIS COMO DEFESAS CONTRA A ANSIEDADE DEPRESSIVA E A ANSIEDADE PERSECUTÓRIA:

contribuição ao estudo psicanalítico dos processos sociais*

Elliott JAKUES

Inúmeros fenômenos sociais manifestam — como freqüentemente foi notado — estreita e surpreendente correspondência com os processos psicóticos individuais. Melitta Schimideberg, por exemplo, evoca o conteúdo psicótico de muitas cerimônias e ritos primitivos. Bion sugere que a vida afetiva do grupo só pode ser compreendida em termos de mecanismos psicóticos.

Minha experiência pessoal recente mostrou-me, de modo impressionante, como os indivíduos utilizam as instituições de que são membros, para reforçar mecanismos individuais de defesa contra a ansiedade, sobretudo contra o retorno dessas ansiedades primárias, paranoídes e depressivas descritas, pela primeira vez, por Mélanie Klein. Ligando os comportamentos em sociedade ao fato de se defenderem contra a ansiedade psicótica, não pretendo absolutamente sugerir que as relações sociais não preencham outra função senão uma função defensiva desse tipo. Como exemplos de outras funções citarei, aspecto de suma importância, a expressão e a satisfação das pulsões libidinais nas atividades sociais construtivas, tanto quanto a cooperação social em instituições que oferecem possibilidades de criação e de sublimação.

Entretanto, meu propósito leva-me a me limitar, nesse texto, ao exame de certas funções de defesa; espero, assim, tornar claros e precisos os processos segundo os quais os mecanismos de identificação projetiva e introjetiva ligam as condutas individuais e sociais.

A hipótese específica que examinarei consiste em que *um* dos elementos primários de coesão unindo os indivíduos em associações humanas institucionalizadas é a defesa contra a ansiedade psicótica.

* Texto clássico fundamental de antro-po-psicanálise das organizações e instituições: de LEVY, A. (org.) *Psychologie Sociale: textes fondamentaux anglais et américains*. Paris, Dunod, 1979, tome 2, pp. 546-565.

Traduzido por José Carlos de Paula Carvalho, Professor Livre-Docente do Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Nesse sentido podemos pensar que os indivíduos projetam no exterior as pulsões e os objetos internos que, caso contrário, seriam fonte de ansiedade psicótica, e que, ademais, são postos em comum na vida das instituições sociais onde se associam. Isso não quer dizer que as instituições assim usadas se tornem "psicóticas"; mas isso implica, efetivamente, que devemos esperar encontrar, nas relações de grupo, manifestações de irrealismo, de clivagem, de hostilidade, de desconfiança, além de outras formas de conduta mal adaptadas. Tais manifestações são o simétrico e social — mas não o equivalente — daquilo que aparece como sintomas psicóticos nos indivíduos que não desenvolveram sua capacidade de utilizar os mecanismos de filiação a grupos sociais para evitar a ansiedade psicótica.

Se a hipótese for exata, a observação dos processos sociais provavelmente dará uma visão ampliada dos mecanismos psicóticos observáveis nos indivíduos, ao mesmo tempo em que possibilita um referencial acessível a mais de um observador. Além disso, muitos problemas sociais, econômicos e políticos — frequentemente atribuídos à ignorância humana, à estupidez, às más atitudes, ao egoísmo ou à busca do poder — podem se tornar mais compreensíveis se nos apercebermos que contém tentativas, cujas motivações são inconscientes, de seres humanos para se defenderem, da melhor maneira possível naquele momento, contra a experiência de ansiedades com relação às quais não poderiam conscientemente controlar as fontes. As razões da dificuldade em tratar o problema da mudança de muitas pressões sociais e de muitas tensões de grupo serão, talvez, melhor avaliadas se as virmos como as "resistências" de grupos de pessoas que inconscientemente se agarram a suas instituições porque as mudanças nas relações sociais ameaçam perturbar as defesas sociais existentes que protegem contra a ansiedade psicótica.

As instituições sociais, no sentido em que uso esse termo, são estruturas sociais que comportam mecanismos culturais reguladores das relações internas. As estruturas sociais são sistemas de papéis ou de posições que podem ser adotadas e ocupadas por pessoas. Os mecanismos culturais são as convenções, costumes, tabus, regras etc., que são utilizados para regular as relações entre os membros de uma sociedade. Para fins de análise, as instituições podem ser definidas independentemente dos indivíduos particulares que desempenham os papéis e ocupam as funções e manipulam tais mecanismos culturais. Mas o efetivo funcionamento das instituições se dá pelo intermédio de pessoas reais manipulando os mecanismos culturais dentro de uma estrutura social; e as funções inconscientes ou implícitas de uma instituição são determinadas de modo específico pelos indivíduos particulares associados na instituição, ocupando funções dentro de uma estrutura e manipulando a cultura.

Podem se dar mudanças nas funções inconscientes de uma instituição através de uma mudança de pessoal sem que necessariamente

aconteça qualquer mudança aparente nos níveis manifestos das estruturas e funções. E reciprocamente, como freqüentemente se observa, impor uma mudança na estrutura manifesta ou na cultura, com objetivo de resolver um problema, pode freqüentemente deixar o problema insolúvel, persistindo imutáveis as relações inconscientes.

PROJEÇÃO, INTROJEÇÃO E IDENTIFICAÇÃO NAS RELAÇÕES SÓCIAIS

Em "Psicologia coletiva e análise do Ego", Freud toma como ponto de partida, para seu estudo da psicologia dos grupos, a relação entre o grupo e seu chefe. Vislumbra a essência dessa relação nos mecanismos de identificação dos membros do grupo com o chefe e de uns com os outros.

Nesse sentido, os processos de grupo podem ser ligados a formas mais primitivas de comportamento, desde que "a identificação é conhecida pela psicanálise como a primeiríssima expressão de um laço emocional com outra pessoa". Mas Freud não desenvolveu explicitamente o conceito de identificação além da identificação por introjeção, concepção derivada de seu trabalho sobre a retenção, dos objetos perdidos, pelo processo da introjeção.

Na sua análise da vida coletiva distingue, entretanto, a identificação do ego com um objeto (ou identificação por introjeção), e aquilo a que chama de substituição do eu-ideal por um objeto externo.

Nos dois exemplos que descreve, o exército e a igreja, mostra que o soldado substitui seu eu-ideal pelo chefe, que se torna seu ideal, ao passo que o cristão incorpora o Cristo como seu ideal, identificando-se a ele.

Como Freud, Mélanie Klein vê a introjeção como um dos processos primários por meio dos quais a criança estabelece relações emocionais com seus objetos. Mas ela considera que os processos de introjeção e de projeção interagem no engendramento dessas relações. Essa formulação parece-me concordar, ainda que de modo não explícito, com os enfoques de Freud, que acabamos de dar. Isto é, a identificação do ego com um objeto é uma identificação por introjeção; isso está explícito em Freud. Mas a substituição do eu-ideal por um objeto externo parece-me conter implicitamente a concepção da identificação por projeção. Assim, os soldados que adotam seu chefe como seu eu-ideal, de fato com ele se identificam projetivamente, ou fazem nele repousar uma parte de si mesmos. É essa identificação projetiva comum ou partilhada que permite aos soldados identificarem-se entre si. Na forma externa de tal identificação projetiva, os subordinados tornam-se totalmente dependentes do chefe, porque cada um a ele entregou uma parte de si mesmo. De fato, é precisamente esse extremo de identificação projetiva que poderia explicar o caso de pânico descrito por Freud, onde

os assírios fugiram ao saber que Holofernes, seu chefe, tivera a cabeça cortada por Judith. Porque não só o objeto externo partilhado em comum (essa figura de proa), que mantém todos juntos, está perdido, mas o chefe, tendo perdido a cabeça, cada soldado "perde a cabeça", de modo coincidente com o chefe, projetivamente identificando-se com ele.

Como base de minha análise dos processos de grupo, reterei a concepção da identificação na constituição dos grupos, descrita por Freud, referindo-me, entretanto, particularmente aos processos de identificação introjetiva e projetiva elaborados por Mélanie Klein. Paula Heimann propôs, noutro contexto, essa forma de análise insistindo na noção que introjeção como projeção podem estar à base dos processos sociais mais complexos. Tentarei mostrar como os indivíduos usam inconscientemente as instituições, a elas se associando e inconscientemente cooperando para o reforçamento das defesas internas contra a ansiedade e a culpabilidade. Essas defesas sociais envolvem relações recíprocas com os mecanismos internos de defesa. Por exemplo, as defesas *esquizóides e maníacas* contra a ansiedade e a culpabilidade implicam mecanismos de *clivagem* e de projeção e, pela projeção, um vínculo com o mundo exterior; quando os objetos internos são partilhados com outros e utilizados em comum para os fins da projeção, relações sociais imaginárias podem ser estabelecidas através da identificação projetiva com o objeto comum. Essas relações fantasmáticas são elaboradas mais ainda pela introjeção; e o jogo, de duplo sentido, da identificação projetiva e introjetiva mediatiza o duplo aspecto das relações sociais.

Falando do "conteúdo e da forma sociais fantasmáticas de uma instituição", referir-me-ei à forma e ao conteúdo das relações sociais a nível dos fantasmas individuais que os membros de uma instituição partilham em comum pela identificação projetiva e introjetiva. Fantasma é aqui usado no sentido de atividade intra-psíquica completamente inconsciente, como o define Susan Isaacs. Nesse sentido, o caráter das instituições é determinado e colorido não só por suas funções explícitas ou conscientemente aceitas de comum acordo, mas também por suas múltiplas funções não reconhecidas, a nível fantasmático.

ILUSTRAÇÕES DE MECANISMOS DE DEFESA SOCIALMENTE ESTRUTURADOS

Não tenho a intenção de explorar nesse artigo, sistemática ou completamente, o modo como operam os mecanismos de defesa sociais. Inicialmente examinarei algumas ansiedades e defesas paranóides, mantendo-as, em certa medida, separadas, para fins de explicação, e apresentando ilustrações extraídas da experiência da vida cotidiana. Apresentarei, a seguir, dados provenientes de um caso de estudo sociológico numa empresa industrial, o que poderá tornar mais claras cer-

tas considerações teóricas, mostrando a interação entre os fenômenos paranóides e depressivos.

DEFESAS CONTRA A ANSIEDADE PARANÓIDE

Exemplo dos mecanismos sociais de defesa contra as ansiedades paranóides é aquele que consiste em localizar maus objetos internos e más pulsões no psiquismo de certos membros particulares de uma instituição; qualquer que seja sua função explícita numa sociedade, eles são escolhidos inconscientemente, ou mesmo eles escolhem introjetar os objetos e as pulsões assim projetados *absorvendo-os* ou *desviando-os*. Absorver refere-se ao processo que consiste em introjetar os objetos e pulsões retendo-os em si mesmo; desviar implica serem novamente projetados, entretanto não mais nos mesmos membros em que tinham sido introjetados.

A estruturação social fantasmática do processo de absorção pode ser discernida, por exemplo, no caso do segundo oficial de um navio: além de seu dever normal, é responsável por muito das coisas que andam mal mas que, de fato, não é ele o responsável.

Os maus objetos e as más pulsões de cada um podem ser inconscientemente situados na pessoa do oficial "segundo": ele será conscientemente considerado, por comum acordo, como fonte das dificuldades. Esse mecanismo permite aos membros da tripulação encontrarem inconscientemente um alívio para seus perseguidores internos. Por outro lado, o comandante do navio, em virtude disso, pode ser mais facilmente idealizado através de uma imagem boa, protetora, com a qual alguém pode se identificar. O conteúdo anal de ataque fantasmático contra o segundo oficial manifesta-se na frase familiar "o segundo deve recolher toda a merda, e deve estar pronto a ser merda". Espera-se, da parte dos oficiais da Marinha, que aceitem esse papel masoquista no curso normal de sua carreira: a regra é aceitar sem murmurar.

O desvio das projeções é um processo visível em certos aspectos da complexa situação das nações em guerra. A estrutura social manifesta é a de dois exércitos oponentes, cada qual apoiado e sustentado por sua comunidade. Entretanto, a nível fantasmático, poderemos vislumbrar a seguinte possibilidade: os membros de cada comunidade colocam os próprios objetos maus e suas pulsões sádicas no psiquismo do inimigo exterior, partilhado e aceito como comum. Desvencilham-se de suas pulsões, destrutivas, projetando-as em seus exércitos, visando-se ao desvio contra o inimigo. A ansiedade paranóide na comunidade total, militar e civil, pode ser aliviada, ou ao menos transformada em medo de inimigos conhecidos e identificáveis, porque as pulsões e os objetos maus projetados sobre o inimigo retornam não sob a forma de perseguidores introjetados fantasmaticamente, mas de ataque físico

efetivo que pode realmente ser experimentado. Em condições apropriadas, o medo objetivamente fundado pode ser mais facilmente controlado do que a perseguição fantasmática. O mau e sádico inimigo é combatido, não no isolamento solitário do mundo interior inconsciente, mas em cooperação com companheiros de armas na vida real.

Não somente os indivíduos se desvencilham, assim, da perseguição fantasmática mas, ainda mais, os membros do Exército são momentaneamente isentados da ansiedade depressiva, desde que suas próprias pulsões sádicas podem ser negadas, imputando sua agressividade à realização de um dever, isto é, exprimindo os impulsos agressivos que recolheram e introjetaram da comunidade. Os membros da comunidade podem também evitar a culpabilidade pela introjeção do ódio ao inimigo, o que é socialmente aprovado. Essa aprovação introjetada reforça a negação dos ódios inconscientes e das pulsões destrutivas contra os bons objetos permitindo a expressão consciente dessas pulsões contra um inimigo exterior real, comum a todos, publicamente odiado.

A cooperação social, ao nível da realidade, pode assim permitir uma redistribuição dos maus objetos e das más pulsões nas relações fantasmáticas dos membros de uma sociedade. Em conexão com essa redistribuição, a identificação introjetiva permite aos indivíduos prevalecerem-se de sanções e de suportes sociais. O fim precípuo dos mecanismos de absorção e de desvio é realizar o não retorno, a nível fantasmático, dos maus objetos e das más pulsões fantasmáticas que foram objeto de projeções.

Mas os mecanismos sociais de defesa trazem algum benefício, ainda quando absorção e desvio não sejam um completo sucesso (e os mecanismos, a nível fantasmático, jamais podem ser completamente controlados). Paula Heimann descreve a introjeção no ego de maus "objetos" projetados e suas pulsões conexas, mantidos em situação de clivagem, submetidos às projeções intra-psíquicas, e atacados.

Nos casos acima referidos, o ego se beneficia com a sustentação das sanções sociais que são introjetadas e que legitimam, a nível intra-psíquico, a projeção e a agressão. O segundo oficial, por exemplo, pode ser introjetado e as pulsões projetadas em seu psiquismo podem, do mesmo modo, ser introjetadas.

Mas na situação social fantasmática, as pessoas se identificam a outros membros da tripulação que também atacam o segundo oficial por introjeção, parcialmente a nível do ego, e parcialmente a nível do superego.

O ego é assim reforçado pela possessão dos membros da tripulação interiorizados, porque todos participam do ataque aos maus objetos que foram objeto de segregação no interior do ego; e o rigor do superego se atenua pela atribuição que lhe é feita de objetos que, socialmente, aprovam e legitimam o ataque.

Evidentemente esses exemplos não são completamente elaborados; e nem visamos a que o sejam. São abstrações extraídas de situações da vida real onde uma análise mais completa mostraria as defesas contra a ansiedade depressiva e de perseguição, interagentes a par de outras funções mais explícitas do grupo. Mas talvez bastem para mostrar como o uso de conceitos de identificação introjetiva e projetiva, considerados como mecanismos em interação, pode servir para prolongar a análise que Freud faz do exército e da igreja. Podemos também anotar que os mecanismos sociais que foram descritos comportam, nos seus aspectos mais primitivos, traços que podem ser aproximados das tentativas iniciais da criança, descritas por Mélanie Klein, para tratar da ansiedade de perseguição ligada aos objetos de que fomos separados por meio de clivagens, projeções e introjeções dos objetos e pulsões, sejam bons, sejam maus.

Tendo-se agora em vista a questão das defesas sociais contra as ansiedades depressivas, poderemos explicitar, avançando um pouco mais, alguns desses pontos genéricos.

DEFESAS CONTRA A ANSIEDADE DEPRESSIVA

Consideremos, inicialmente, certos aspectos dos problemas levantados pelos fenômenos de bode-expiatório referentes a um grupo minoritário. Do ponto de vista da comunidade no seu todo, ela está cindida em duas partes: a maioria boa e a minoria má — clivagem coerente com a clivagem existente entre bons e maus objetos internos e com a criação de um mundo interior bom e mau. O grupo perseguidor preserva sua crença de que sempre é o bem, acumulando desprezo e ataques contra o grupo bode-expiatório. Os mecanismos de clivagem interna e a salvaguarda dos bons objetos internos dos indivíduos, o ataque e o desprezo pelos maus objetos internos, perseguidores, são reforçados pelas identificações introjetivas dos indivíduos a outros membros que participam do ataque, coletivamente aprovado, contra o bode-expiatório.

Se nos voltarmos, agora, para os grupos minoritários, poderemos nos perguntar porque somente certas minorias são destinadas à perseguição, ao passo que outras não. Um aspecto frequentemente negligenciado no exame dos problemas de minoria pode aqui ser de alguma valia.

Os membros da minoria perseguida fomentam, comumente, contra seus perseguidores um ódio e um desprezo característicos, rivalizando, em intensidade, com o desprezo e a agressão a que estão expostos. Que assim deva ser não é, talvez, para causar surpresa. Mas, tendo-se em consideração o fator seletivo na escolha das minorias perseguidas, é preciso vislumbrar a possibilidade de que um dos fatores ativos nessa escolha seja o consenso do grupo minoritário, em nível fantasmático,

em buscar, através da ação de outros sobre eles, desprezo e sofrimento de modo a aliviarem uma culpabilidade inconsciente. Em outras palavras, há uma cooperação (ou colusão) inconsciente, em nível fantasmático, entre o perseguidor e o perseguido. Para os membros do grupo minoritário, tal colusão reforça-lhes a própria defesa contra a ansiedade depressiva — por mecanismos como a justificação social dos sentimentos de desprezo e de ódio frente a um perseguidor exterior, com o conseqüente alívio da culpabilidade e reforço do mecanismo de negação destinado a proteger os bons objetos internos.

A atenuação da ansiedade depressiva por intermédio de mecanismos sociais pode ser realizada por outro caminho: a negação maníaca de impulsos destrutivos e de destruição dos bons objetos através da participação na idealização do grupo. Esses mecanismos sociais refletem, no grupo, os mecanismos de negação e de idealização com relação aos quais Mélanie Klein mostrou a importância nas defesas contra a ansiedade depressiva.

A ação desses mecanismos sociais é evidente nas cerimônias de luto. Cada qual se junta aos que carregam o luto para a manifestação, em comum, de sua dor e a pública reiteração das boas qualidades do defunto. Da comparação entre as carências dos sobreviventes e as boas qualidades do defunto desprende-se um sentimento de comum culpabilidade partilhada. Desvencilhamo-nos dos maus objetos e das más pulsões através da projeção inconsciente no cadáver, projeção mascarada pela decoração do cadáver; são prudentemente deixados de lado pela identificação projetiva com o morto durante a cerimônia do enterro; por meio de tais mecanismos visa-se, inconscientemente, evitar ser perseguido por forças demoníacas.

Ao mesmo tempo bons objetos e boas pulsões também são projetadas na pessoa morta. A idealização pública, socialmente aprovada, do defunto reforça, assim, o sentimento de que, afinal de contas, o objeto bom não foi destruído porque "suas boas ações" persistem na memória da comunidade, assim como da família, lembrança essa que se reifica no túmulo. Esses mecanismos tendem, por uma intencionalidade inconsciente, à evitação de ser obcecado por espíritos indutores de culpabilidade. Por isso, as cerimônias de luto oferecem à comunidade e à família enlutada a ocasião de inconscientemente cooperarem para a cisão do objeto amado em uma parte má, destruída, e uma parte amada, enterrando-se os mau objetos e as más pulsões e protegendo-se a parte boa, amada, como recordação eterna.

É traço geral comum a cada um dos exemplos citados: os sistemas sociais fantasmáticos que são instaurados apresentam um valor de sobrevivência para o grupo, ao mesmo tempo em que oferecem aos indivíduos uma proteção contra a ansiedade. Por exemplo, no caso dos funerais, a idealização social e a negação maníaca permitem a uma pessoa que acaba de perder um ente querido, de ver minorado o caos

que nela pudera se instalar, de temperar o choque imediato e intenso da morte engajando-se num processo de íntima maturação do trabalho de luto, no momento e ritmo que lhe forem próprios e convenientes. Mas existe também um ganho social geral: todos aqueles que se associaram aos funerais podem dar continuidade ao próprio trabalho interno de luto e continuar — processo de toda uma vida — o “working through” dos conflitos não resolvidos da situação depressiva infantil. Como Mélanie Klein o descreveu, “parece que todo progresso no processo do trabalho de luto traduz-se por um aprofundamento da relação do indivíduo para com seus objetos internos através da felicidade de os vir a recuperar após ter-lhes experienciado a perda (“Paraíso perdido e recuperado”), numa confiança e amor potenciados pelo fato de se afirmarem, enfim, como bons e protetores”. Assim, através dos funerais, amplia-se a tolerância à ambivalência e a amizade na comunidade pode ser reforçada; ou ainda, no caso do segundo oficial, a tripulação do navio, numa estrita situação de reclusão e de isolamento, longe dos outros grupos, situação peculiarmente difícil, é ainda capaz de cooperar com o comandante na execução das tarefas exigidas e conscientemente planejadas, isolando-se e concentrando seus objetos e más pulsões num receptáculo à mão.

ESTUDO DE CASO (não traduzido)

RESUMO E CONCLUSÕES

Freud sustentou que dois processos principais agem na formação daquilo que chamou de grupos artificiais, como o exército e a igreja: a identificação por introjeção e a substituição do ego-ideal por um objeto. Sugeri que o último processo implicitamente contém o conceito de identificação por projeção, formulado por Mélanie Klein.

Aliás Mélanie Klein declara explicitamente que o fundamento das relações iniciais de uma criança com seus objetos está na interação entre a identificação introjetiva e a identificação projetiva. O caráter dessas relações iniciais é determinado pelo modo como a criança procura tratar suas ansiedades paranóides e depressivas, assim como também pela intensidade de tais ansiedades.

Adotando essas concepções de Freud e de Mélanie Klein, minha opinião, tal como a propus, consiste em que a defesa contra a ansiedade paranóide e depressiva é uma das principais forças dinâmicas congregando os indivíduos em associações institucionalizadas; e, reciprocamente, todas as instituições são inconscientemente utilizadas por seus membros como mecanismos de defesa contra tais ansiedades psicóticas. Os indivíduos podem situar seus conflitos internos em pessoas do mundo exterior, dar seqüência inconscientemente ao curso do conflito da identificação projetiva e, enfim, reintegrar o curso e a resolução do conflito, percebido exteriormente, por meio da identificação in-

trojetiva. As sociedades oferecem funções institucionalizadas cujos detentores estão habilitados ou obrigados a tomar sobre si os objetos ou as pulsões projetados por outros membros. Os detentores de tais funções podem absorver esses objetos e essas pulsões, isto é, tomá-los sobre si tornando-se o bom ou o mau objeto com as correspondentes pulsões; ou, ao contrário, podem desviar esses objetos e essas pulsões, isto é, situá-los numa pessoa exteriormente percebida, aliada ou inimiga, que então será amada ou atacada. Na cooperação inconsciente com outros membros da instituição ou do grupo, que se valem de similares mecanismos de projeção, é que está a vantagem, para os indivíduos, dessa projeção de objetos e de pulsões, e dessa introjeção de seus cursos no mundo externo. A identificação introjetiva assegura mais que o mero e simples retorno dos objetos e pulsões projetados. O indivíduo arca igualmente com os outros membros, que legitimam e reforçam os ataques contra os perseguidores internos, ou apoiam a idealização maníaca de objetos amados, assim reforçando o recalçamento de pulsões destrutivas com relação a si mesmos.

A nível fantasmático, a cooperação inconsciente entre os membros de uma instituição é estruturada em termos do que aqui chamamos a forma e o conteúdo social fantasmático das instituições.

A forma e o conteúdo das instituições podem assim ser considerados em dois níveis distintos. Por um lado, o nível da forma e do conteúdo manifesto e conscientemente aceito; isso inclui a estrutura e a função: pode acontecer que não sejam reconhecidas estando, entretanto pré-consciente dos membros das instituições e podem, pois, ser identificadas de modo relativamente fácil por meio de um estudo consciente. Por outro lado, o nível da forma e do conteúdo fantasmáticos; esses, inconscientemente evitados e negados, continuam — porque totalmente inconscientes — não identificados pelos membros da instituição.

Foi apresentado um estudo de caso para mostrar como um órgão institucional, um comitê de membros da direção e de representantes eleitos dos operários foi usado, a nível fantasmático, dentro de um departamento de uma fábrica, para isolar as relações de hostilidade das boas relações mantidas no trabalho cotidiano de produção desse departamento. Mas quando uma tarefa de séria e consciente negociação foi confiada a esse comitê, seus membros encontraram grandes dificuldades em virtude do conteúdo fantasmático, socialmente aprovado, de suas relações mútuas.

Algumas observações foram feitas acerca da dinâmica da mudança social. A mudança acontece onde as relações sociais fantasmáticas dentro de uma instituição não servem mais para reforçar as defesas individuais contra a ansiedade psicótica. A instituição pode ser reestruturada a nível manifesto e fantasmático; ou só a nível fantasmático, mantendo-se a estrutura manifesta. Os indivíduos podem mudar de função ou abandonar a instituição; ou ainda, a mudança aparente, a

nível manifesto, pode freqüentemente ocultar o fato que não aconteceu qualquer mudança real, permanecendo intocáveis a forma e o conteúdo social fantasmático da instituição. A mudança social imposta, que não leva em conta o modo como os indivíduos se valem das instituições para enfrentar suas ansiedades psicóticas inconscientes, apresenta visíveis tendências de se ver às voltas com resistências.

Definitivamente, se os mecanismos que acabam de ser descritos têm qualquer validade, daí decorrem ao menos duas conseqüências. Em primeiro lugar, como se fosse através de uma lente de aumento, a observação dos processos sociais pode oferecer um meio para se estudar a ação das ansiedades paranóides e depressivas e das defesas contra elas opostas. De modo diferente da situação psicanalítica, tais observações podem ser simultaneamente feitas por várias pessoas. Em segundo lugar, é possível que assim se possa visualizar melhor porque a mudança social é tão difícil de se realizar e porque tantos problemas sociais são tão irredutíveis. De fato, segundo nosso ponto de vista, as mudanças nas relações e nos processos sociais pedem uma reestruturação das relações a nível fantasmático, o que exige, por conseguinte, da parte dos indivíduos, a aceitação ou a tolerância de mudanças na estrutura atual de suas defesas contra a ansiedade psicótica.

Mudança social efetiva requer provavelmente a análise das ansiedades comuns e das colusões inconscientes subjacentes às defesas sociais, que determinam as relações sociais fantasmáticas.

(Recebido em 22-03-88
e liberado para publicação em 28-04-88).